

Autodidatismo, anarquismo individualista e tecnologia no romance *O Autodidata* (1926), de Han Ryner

GILSON LEANDRO QUELUZ*

Resumo: O objetivo desse texto é analisar as relações entre autodidatismo e tecnologia no romance *L'Autodidacte* (O Autodidata), publicado em 1926 pelo anarquista individualista francês, Han Ryner (1861-1938). A obra é marcada pela tematização do autodidatismo, característico das práticas libertárias, como elemento fundamental da construção de um conhecimento crítico, questionador da ordem dominante, das estruturas educacionais hegemônicas e dos padrões de desenvolvimento científico e tecnológico. A trajetória do personagem Nicolas Chardonnet possibilita uma visualização do potencial emancipatório da humanidade através de formas alternativas de educação definidas pelo exercício da autarquia, da autonomia e da não violência.

Palavras chave: Han Ryner; Anarquismo; Autodidatismo.

Self-learning, individualist anarchism and technology in the novel *The Autodidact* (1926), by Han Ryner

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the relationship between self-learning and technology in the novel *L'Autodidacte* (The Autodidact), published in 1926 by the French individualist anarchist Han Ryner (1861-1938). The work is marked by the thematization of self-learning, characteristic of libertarian practices, as a fundamental element in the construction of critical knowledge, through the questioning of the dominant order, the hegemonic educational structures and the standards of scientific and technological development. The trajectory of the main character, Nicolas Chardonnet, allows a visualization of the emancipatory potential of humanity through alternative forms of education defined by the exercise of autarchy, autonomy and nonviolence.

Key words: Han Ryner; Anarchism; Self-learning.



* **GILSON LEANDRO QUELUZ** é professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná no Departamento de Estudos Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da UTFPR; Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Introdução

Em 1926, o anarquista individualista Han Ryner (1861-1938) publicou o romance *L'Autodidacte* (O Autodidata), no qual narra a saga de um jovem órfão, Nicolas Chardonnet, em sua busca obsessiva pelo conhecimento. O romance demonstra as estratégias de resistência de Nicolas às diversas formas de opressão social, através do autodidatismo. Apesar de seu interesse pelos vários modos de conhecer, sua paixão maior era pelas matemáticas. Esta preferência foi complementada por uma fascinação pela mecânica, que lhe dava a percepção da potencialidade de concretização material da matemática e o desejo de pesquisar engenhosos artefatos tecnológicos.

A obra é marcada pelo tema do autodidatismo, característico das práticas libertárias, como elemento fundamental da construção de um conhecimento crítico, questionador da ordem dominante, das estruturas educacionais hegemônicas e dos padrões de desenvolvimento científico e tecnológico. Ryner filia-se à tradição do pensamento anarquista sobre a tecnologia que, em sua postura antidogmática e antiautoritária, problematizou, nas primeiras décadas do século XX, as concepções naturalizadas de progresso e civilização. Desta maneira, pretendemos compreender como o autor constrói em seu romance uma visão crítica das relações entre

autodidatismo e tecnologia a partir de uma abordagem libertária.

Han Ryner (1861-1938) foi um filósofo e professor francês. Publicou em torno de cinquenta livros de variados gêneros como contos, novelas, peças teatrais e ensaios filosóficos, estando dentre os mais conhecidos *Pequeno Manual Individualista* (1905), *O Quinto Evangelho* (1911), *Homem formiga* (1910), *Os Super humanos* (1929), *Os Pacifistas* (1914). No início do século XX seus textos eram publicados pela imprensa anarquista e tinham significativa repercussão nos meios intelectuais franceses.

O livro *L'Autodidacte* foi publicado em 1926. Nesse período entreguerras havia uma diminuição da popularidade do anarquismo entre as classes trabalhadoras francesas. O anarquismo originou-se do movimento dos trabalhadores na segunda metade do século XIX, consistindo, segundo Woodcock (1983, p. 11), em uma filosofia social que visava “promover mudanças básicas na estrutura da sociedade e, principalmente -pois esse é o elemento comum a todas as formas de anarquismo- a substituição do estado autoritário por alguma forma de cooperação não-governamental entre indivíduos livres”. Na França, após o período de dominância do anarquismo insurrecional¹, no final do século XIX, e de hegemonia do sindicalismo revolucionário² na Belle Époque, o cenário entreguerras era de divisão

¹ O anarquismo insurrecional é a corrente que se opõe a processos reformistas e defende a ação armada, contra as classes dominantes e as suas instituições, como a principal forma de despertar um processo revolucionário espontâneo (CORREIA, 2015).

² O sindicalismo revolucionário, apesar de considerar o sindicato como base da sociedade futura, defendia que os sindicatos não deviam ter

filiação ideológica específica, estando abertos a socialistas, anarquistas e outras correntes, desde que aceitassem a ideia de autonomia sindical. Por acreditarem que os ganhos nas lutas trabalhistas cotidianas eram fundamentais para a emancipação operária, foram criticados como reformistas por anarquistas, especialmente pelos anarco-comunistas. (TOLEDO, 2004).

acentuada entre as três principais correntes: anarco-comunismo³, anarco-sindicalismo⁴ e anarquismo individualista. Esta “crise no anarquismo” acentuou-se pelo fortalecimento da influência do partido comunista entre os trabalhadores, pela perseguição aos anarquistas empreendidas pelos bolcheviques na Rússia, e pelo fascismo na Itália. Neste contexto, Richard Soon (2010) argumenta que os anarquistas evoluíram por “preferência e necessidade em direção a uma forma de práxis que pode ser chamada de anarquismo ético” (SOON, 2010, p. 6) como estratégia de combate ao senso comum hegemônico⁵, que considerava o anarquismo como desordem e associado à violência, e de esforço de fortalecimento do movimento. Esse anarquismo ético, comum às diversas correntes, era “apaixonadamente antiburguês e oposto ao estado centralizado”, posicionando-se pela liberdade, pela consciência individual e pelo controle do eu, e por um “equilíbrio harmonioso do homem com a natureza” (SOON, 2010, p. 8). Deste modo, ao defender a necessidade dos indivíduos se emanciparem de todas as formas de autoritarismo como premissa básica para a existência de qualquer processo revolucionário, e enfatizar o fortalecimento da consciência individual pacifista e antimilitarista na luta contra as “demandas militares e imperialistas do estado” (SOON, 2010, p. 10), o anarquismo individualista

tornou-se central para o movimento anarquista naquele período.

Han Ryner foi um anarquista individualista. O anarquismo individualista, segundo Diez,

É uma modalidade diferente de encarar a emancipação individual e coletiva do proletariado desde um espaço a margem de partidos e ideologias. É a manifestação de uma verdadeira tradição política autônoma e liberal com seu vocabulário específico. Uma corrente anarquista alternativa que interpreta particularmente os clássicos (Proudhon, Bakunin...), de uma riqueza e vitalidade surpreendentes. É uma constante no anarquismo e um dos componentes de seu substrato teórico que o singularizam a respeito de boa parte das ideologias emancipadoras. É uma ideologia que situa o indivíduo no ponto de partida de toda emancipação coletiva, alternativa ao conceito de classe social, partido, grupo, nação ou etnia (DIEZ, 2007, p. 17-18).

Émile Armand (1872-1963) enfatizava algumas das principais ideias dos anarquistas individualistas como a “soberania do indivíduo, como princípio fundamental de toda reivindicação de ordem social”, a recusa de qualquer intervenção do Estado nas relações ou acordos entre indivíduos racionais, a afirmação da reciprocidade como base de uma ética da sociabilidade e a visão

³ O anarco-comunismo é uma corrente anarquista revolucionária que defende o fim do estado, do capitalismo e da propriedade privada e sua substituição pela propriedade comum dos meios de produção e por formas de organização federativas dos conselhos de trabalhadores e associações voluntária (ver JOURDAIN, 2014).

⁴ O anarco-sindicalismo, apesar de se aproximar do ideário anarco-comunista ou anarco-

coletivista, diferencia-se pela ênfase nas organizações sindicais como principais instrumentos revolucionários de criação da sociedade anarquista (JOURDAIN, 2014).

⁵ Observe-se que esta visão continua presente no senso comum contemporâneo. Para conhecer a diversidade das filosofias e das práxis das principais correntes anarquistas ver: Woodcock (1983), Corrêa (2015) e Jourdain (2014).

da violência como “fonte de todos os males” (ARMAND, 2004, p. 216).

Apesar da rebeldia em ser enquadrado em qualquer definição, Han Ryner caracterizava o individualismo como “a doutrina moral que, confiando em nenhum dogma, nenhuma tradição, nenhuma determinação externa, apela apenas para a consciência individual” (RYNER, 2006, p. 6). Diez considera que Ryner era um anarquista individualista subjetivista, pois na filosofia política seria um individualista e na forma seria um subjetivista, aquele que considera que o “indivíduo que é a medida de todas as coisas e que deve buscar nele mesmo a verdade, em vez de aceitá-la de autoridades (DIEZ, 2007, p. 70). Ou, nas palavras de Ryner,

O subjetivista se assemelha a todos os homens, pois quer sua própria felicidade. Ele difere da multidão por saber o que quer. E ele não é ingênuo o suficiente para buscar a felicidade nos objetos estranhos. Ele quer escapar da tristeza, da preocupação, do medo, de todas as dores profundas. Ele quer se livrar do sofrimento físico, da pontada de apreensão e do poder da angústia. Ele sabe que a melhor maneira de ter sucesso, a única maneira de responder a todos os ataques, é fortalecer sua própria indiferença.

⁶ Os dois anarquistas individualistas, Han Ryner e Émile Armand, protagonizaram uma polêmica sobre o amor livre. Para Ryner o amor plural seria marcado pelo combate de homens e mulheres livres ao exclusivismo amoroso, ao ciúme e ao sentimento de posse presentes nas relações amorosas oriundas da sociedade burguesa. Apesar da argumentação geral de Armand se basear na mesma compreensão dos limites da experiência amorosa na estrutura social burguesa, ele defendia a necessidade da “camaradagem amorosa”, ou seja, a constituição de comunidades de amor livre, onde uma vez associado(a), a pessoa era requerida a ter relações sexuais com todos os membros do grupo. O romance *Amor Plural* de Han Ryner, publicado

Ele sabe que alguém se aproxima da felicidade através de uma série de reformas de si mesmo (RYNER, 1928, p. 236-237).

De acordo com Ryner, é neste caminho interior que o indivíduo conseguiria livrar-se dos condicionamentos externos, criando um universo subjetivo onde seria possível encontrar forças para viver conforme suas crenças e princípios anarquistas, ou seja, viver a utopia em seu cotidiano. Esta vivência poderia ser expressa em opções como a adoção de línguas universais como o esperanto, o naturismo, o amor livre. Seus pensadores modelo eram Sócrates (469 a.C.-399 a.C), Jesus (7-2 a.C-30-33 d.C), Epicuro (341 a.C.-271 ou 270 a.C) e Epicteto (55-135), sofrendo a influência, ainda, de pensadores como Tolstói (1828-1910) e Gandhi (1869-1948), especialmente no que se refere às ideias de desobediência civil e resistência não violenta. Ryner defendia, também, os princípios do amor plural⁶ e da fraternidade universal.

Autodidatismo e anarquismo

O título do romance de Han Ryner, *L'Autodidacte* (O Autodidata), já coloca em questão a temática central do romance, o autodidatismo e os processos de produção do conhecimento científico e tecnológico.

em 1927, sintetiza este debate. No Brasil, a feminista anarquista Maria Lacerda de Moura, a principal difusora do pensamento de Han Ryner, defendeu a sua visão sobre o amor plural, no livro *Han Ryner e o Amor Plural* de 1928. Expressou a sua defesa do posicionamento de Ryner sobre o amor plural nos seguintes termos, “O amor plural é sempre, tanto para o homem como para a mulher, o desabrochar da liberdade, da sabedoria e do individualismo. Mas, a camaradagem amorosa de “L'Ellébore” ou vossa “Fraternidade do Amor”, esse contrato que espousa um grupo inteiro, conhecidos e desconhecidos, é infinitamente mais servil que o contrato banal e o casamento diante de um ventre enfaixado de tricolor” (Moura, apud RAGO, 2007, p. 284)

O autodidatismo é uma prática social emancipatória valorizada na cultura anarquista, pela sua ênfase no ensino mútuo, caracteristicamente desenvolvido nas associações operárias, nos centros culturais sociais, nos grêmios literários, etc. Segundo Valverde, o autodidatismo é um fenômeno cujo “florescimento mais intenso se deu nos momentos em que o modo de produção capitalista negou aos trabalhadores o acesso à cultura pela alfabetização escolar formal, tonando-se necessidade vital para a organização das lutas sociais” (VALVERDE, 1996, p. 212).

O autodidatismo, contudo, é um fenômeno mais amplo, estando na base do próprio Iluminismo, como uma estratégia de rompimento com os dogmas e de fortalecimento da razão.

Também é importante frisar que o autodidatismo encontra suas raízes no pensamento da antiguidade clássica, mais especificamente em Epicuro (341 a.C.-271 ou 270 a.C). Podemos dizer que esta questão é central para Ryner, pois ele se posicionava como estoicista⁷ e epicurista⁸. No *Pequeno Manual Individualista*, publicado em 1905 e escrito em forma de diálogo, afirmava sua filiação epicurista. Por exemplo, na resposta à questão “Porque amais a Epicuro?”, assevera que ele “mostrava que é preciso muito pouco para satisfazer a fome e a sede, para defender-se do calor e do frio. E se libertava de todas as demais necessidades, quer dizer, de quase todos os desejos e de quase todos os temores que escravizam aos homens” (RYNER, 2006, p. 7). Ryner, no romance, enfatizou a visão de Epicuro, presente na base do autodidatismo, de

que o indivíduo deveria exercer na sua vida intelectual a autarquia e a autonomia, sendo capaz, por si mesmo, de “raciocinar e descobrir as verdades mais fundamentais sobre a sua existência” (VALVERDE, 1996, p. 213).

O anarquismo individualista se contrapõe aos modelos educacionais convencionais. Para esta corrente, a exemplo das demais tendências libertárias, as escolas são excessivamente uniformizadoras de mentes e comportamentos, impondo padrões e hierarquias que limitam o desenvolvimento do indivíduo. Neste sentido, os individualistas promovem uma crítica radical contra as escolas laicas e confessionais, denunciando as “implicações ideológicas de reprodução da escola” (LENOIR, 2018, p. 35), voltadas para a submissão dos jovens a todas as formas de opressão política, religiosa, econômica, militar e social, impostas pelos poderosos. Os anarquistas individualistas franceses, no início do século XX, apesar de profundamente anticlericais, também polemizaram duramente com a escola laica republicana, considerando que ela apenas instituiu um novo sistema de alienação, tentando impor um pensamento único, limitando práticas pedagógicas experimentais ou alternativas, seduzindo a juventude para a adoração ao Estado e a manutenção da ordem social vigente através do ensino de crenças no civismo, na honra, na família e na propriedade privada (LENOIR, 2018).

Por estes motivos, outro pensador individualista, Émile Armand, prefere utilizar o termo iniciação ao invés de

7 Para uma compreensão contextualizada do estoicismo a partir do pensamento de Sêneca, ver Veyne (2003).

8 Para uma introdução ao epicurismo ver Spinelli (2009).

educação, ressaltando que a consciência individual deve se desenvolver através de um caminho particular que cada jovem elegerá em sua vida. Segundo ele, entre as teses individualistas anarquistas sobre a educação destacam-se a possibilidade de “desenvolvimento do espírito crítico e da iniciativa na educação individual” (ARMAND, 2004, p. 216) e “a escolha - reservada à criança- do educador, das matérias de estudos, de sua orientação profissional” (ARMAND, 2004, p. 215). Esse caminho educacional prescindiria de hierarquias, sendo que o mestre, à maneira de Sócrates e sua maiêutica, possibilitaria ao indivíduo a construção dos conhecimentos na relação com as experiências cotidianas. Assim, o anarquista autodidata criaria uma reserva de potencialidades, que mesmo em momentos adversos, iria lhe permitir a preservação da liberdade e a continuação do processo do conhecer, base de sua própria experiência de ser (DIEZ, 2007, p. 236-238). Portanto, o educar-se é um fator permanente da vida do indivíduo, para além da vida escolar, sendo uma linha de força central para o desenvolvimento rumo à felicidade e à emancipação. A ênfase libertária no autodidatismo se intensifica no anarquismo individualista, o que é exemplificado na publicação de um pequeno manual de autodidaxia na revista *L'Anarchie*, em 1911 (LENOIR, 2018, p. 21).

Embora aparente ser exclusivamente uma questão de trajetória e aprendizado individual, o autodidatismo dialoga

diretamente com formas alternativas de produção e transmissão do conhecimento que podem envolver, conforme o caso, redes de familiares, amigos, trabalhadores, estando, portanto, diretamente vinculado ao contexto histórico e social no qual se desenvolve (QUIROGA, 2004, p. 148).

No caso do personagem principal do romance, Nicolas Chardonnet, ele representa a violência e a resistência que marca a trajetória daqueles que são atingidos pelos processos de exclusão social. O texto conta a saga de um jovem órfão, em sua busca obsessiva pelo conhecimento, pela formação. Ao mostrar os diversos lares pelos quais passou o seu personagem, Ryner faz uma radiografia da violência inerente ao sistema, das constrições ao livre desenvolvimento das potencialidades dos jovens, especialmente os pobres, impostas pelo mundo do trabalho rural, pela escola, pelo Estado e pela igreja.

Na casa da primeira família que o recebe, da senhora Rivol, Nicolas não teve acesso ao ensino formal. Contudo, é descrito por seu amigo senhor Paret como um caso excepcional, “uma criança desperta como cada geração dá dez ao povo. Este me parece um ser único. Authon não há visto nunca ninguém como ele, nem em Nogent, nem em Chartres. Talvez Paris...” (RYNER, 1926, p. 48)⁹. Apesar da família receptora o tratar com violência e tentar lhe designar múltiplas tarefas, Nicolas, nas horas vagas, alfabetizava-se através de um método próprio, que descreveu da seguinte forma, “tomava cada palavra

9 A versão original da obra *L'Autodidacte* foi cotejada, para fins de tradução, com a versão em espanhol presente nas seguintes edições da *Revista Blanca*: n. 201, outubro de 1931; n. 203, novembro de 1931; n. 204, novembro de 1931; n. 205, dezembro de 1931; n. 206, dezembro de 1931; n. 207, janeiro de 1932; n. 209, fevereiro

de 1932; n. 210, fevereiro de 1932; n. 211, março de 1932; n. 212, março de 1932; n. 213, abril de 1932; n. 214, abril de 1932. Os exemplares da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de Espanha estão disponíveis em: <http://hemerotecadigital.bne.es>

em meus olhos como uma coisa que se toma com a mão, que se sopesa, que se volve e que se revolve, que se apalpa para reconhecê-la sempre, em todas as suas partes, ao apenas tocá-la (...) Logo buscava em todo o livro palavras parecidas àquela” (RYNER, 1926, p. 41-42).

O médico Gabriel Paret, personagem que acabaria por se tornar seu tutor, faz uma meditação sobre a necessidade de um processo educacional, semelhante ao libertário, a partir do esforço autodidata do menino, pois ele era um “ser em que deveriam respeitar-se, como na maioria das crianças, todas as possibilidades nobres e profundas, ou melhor, neste caso, todas as belas probabilidades” (RYNER, 1926, p. 49).

Nicolas teria a oportunidade de avançar nos estudos ao ser acolhido pela família Paret. A irmã de Paret, Renée, ensinou-lhe princípios básicos em diversas disciplinas, os quais o menino aprendeu com facilidade, apesar de sua resistência para com a escrita e de sua clara predileção pelas matemáticas. Esta paixão pela matemática fez com que Paret percebesse a inversão da base do método educacional intuitivo¹⁰ nas práticas de aprendizado de Nicolas, afirmando que “pelo abstrato fazia o concreto” (RYNER, 1926, p. 67). Paret constata a premissa educacional do anarquista individualista de respeito às particularidades de cada criança, de “individualização da formação para aprender” (LENOIR, 2018, p. 65), levando em conta as suas capacidades cognitivas específicas, mesmo que signifique a ruptura com a “modernidade” padronizadora do método educacional vigente.

A única infelicidade de Nicolas neste processo de convívio com a família Paret, foi o de ter de passar por uma educação religiosa, pois Renné pretendia que ele fosse, futuramente, o cura de uma Igreja. Esta situação é explorada por Han Ryner, que dá vazão ao seu anticlericalismo, por exemplo, ao destacar ironicamente que a criança fora obrigada a aprender “com o senhor cura, a grande arte de ajudar na missa” (RYNER, 1926, p. 71).

Após a morte de Paret, motivada por um atropelamento, e o consequente colapso nervoso e internamento de sua irmã, Nicolas ficou sob a guarda do citado padre da aldeia, que logo o despachou para a Assistência dos Órfãos, alegando que este “extraordinário menino é muito precoce, e sangue de Cristo!, em mais de uma coisa. É necessário desembaraçar-se sem tardança desta serpente introduzida, por excesso de candidez, neste terrestre paraíso que é o jardim de um cura” (RYNER, 1926, p.78). Sua inteligência e rebeldia, questionava o padre, não seriam uma sina de quem acabaria por “empregar sua ciência para combater a nossa santa religião?” (RYNER, 1926, p. 76-77).

Encaminhado para uma nova residência em La Loupe, na fazenda da família Pérès, pela primeira vez, Nicolas teve acesso ao ensino formal, frequentando a escola primária. Na escola, apesar de seu desinteresse pela *Lições de Coisas* e pelo assim chamado Ensino Cívico - e aqui novamente Ryner chama a atenção para o desprezo anarquista pela escola estatal e seu papel uniformizador de aprendizados e mentes -, ele se destacou, inclusive superando suas limitações anteriores quanto à escrita, concluindo o ensino primário aos 8 anos como primeiro aluno de todo o Distrito.

10 Sobre o método intuitivo, ver Souza (1998).

Nicolas continuava exercendo seu autodidatismo, lendo todos os impressos que encontrava, como a *Ilíada* de Homero, *Os Mártires* de Chateaubriand, uma biografia de Jacques Vaucanson¹¹. A vida do inventor francês o entusiasmou, transformando-se em seu herói e modelo. A habilidade de Vaucanson no desenvolvimento de autômatos encantou Nicolas pela visualização da “quantidade de matemática que há na mecânica” (RYNER, 1926, p. 88), incentivando-o a desenvolver mecanismos engenhosos. O senhor Pérès, ao perceber este interesse, vaticina que Nicolas, aos 20 anos, inventaria o “arado do futuro ou a debulhadora sem defeito” (RYNER, 1926, p. 88). Porém, o menino, que só se interessava pelo engenhoso e não pelo útil, responde que fazia “lógica de madeira” (RYNER, 1926, p. 88). Ryner, ao enfatizar a fascinação de Nicolas por Vaucanson, procura ressaltar as futuras convergências de seu personagem com a paixão do engenheiro francês pelo automatismo, por “aquilo que uma vez programado, funcionava sozinho e fazia prodígios” (JACOMY, 2004, p. 48).

Após uma carta que Nicolas escreveu ao diretor geral do departamento de crianças órfãs, pedindo que lhe fosse dada a possibilidade de continuar seus estudos, ele foi enviado para nova residência no interior da França, da família Baixas, em Collioure, nos Pireneus Orientais (RYNER, 1926, p. 92).

11 Jacques Vaucanson (1709-1782) foi um engenheiro e inventor francês que desenvolveu mecanismos como um tear automático e autômatos dos quais os mais famosos são: “o flautista”, “o tamborileiro” e o “pato”. Sua coleção de mecanismos e desenhos técnicos foi deixada, quando de sua morte ao Estado francês, sendo a base da criação do Conservatório

Neste novo local, encontrou um ambiente menos hostil, relacionando-se positivamente com as demais crianças, Jacques e Eulalie, e conseguindo se dedicar aos estudos formais. Desta forma, aos dezessete anos, obteve sua licenciatura em Matemática e aos dezenove completou sua licenciatura em Ciências. Ryner problematiza o acesso ao ensino formal por Nicolas, ao demonstrar que sua experiência autodidata o conduziu a uma concepção crítica da sociedade e humanizadora dos saberes. Sua trajetória o habilitara a realizar uma “revolução individual” permanente, conquistando a sabedoria para compreender de forma alternativa a realidade.

Esta postura é resumida quando, após a conclusão dos seus estudos formais, é chamado a servir no exército. Depois de seus dois anos de serviço, teceu comentários antimilitaristas contundentes, criticando os oficiais do exército: “como não desprezar aos duplos brutos nestes seres que se sentem felizes ao mandar covardemente por um lado, e obedecer não menos covardemente por outro?” (RYNER, 1926, p. 97). Nicolas Chardonnet, ao atacar a estrutura hierárquica militar, além de expressar as visões antimilitaristas anarquistas, reafirma os ideais epicuristas de autarquia e autonomia, os quais sintetiza assim: “quero ser um sábio independente, quer dizer, para evitar todo pleonismo, *quero ser um sábio*” (RYNER, 1926, p. 97).

Nacional de Artes e Ofícios em 1798. Losano (1998) sintetiza o interesse pelos autômatos criados por Vaucanson ao destacar que na *Encyclopédie* o verbete androide consiste basicamente na descrição do “flautista” e que o verbete autômato descreve essencialmente os outros dois mecanismos anteriormente citados.

Tecnologia, antimilitarismo e anarquismo

Depois de obter a licenciatura em Matemática e em Ciências, ele começa sua carreira como sábio independente. Foca-se no desenvolvimento de um transporte aéreo alternativo ao avião, o qual considerava excessivamente inseguro. Lembremos que, no imaginário sociotécnico¹², uma das questões mais prementes a serem resolvidas nas primeiras décadas do século XX era a do transporte, com destaque para o transporte aéreo, “a utopia maior era controlar os céus” (SCHWARCZ & COSTA, 2000). As experimentações com dirigíveis e aviões se multiplicaram no âmbito internacional, no qual se destacou, entre outros, Santos Dumont (1873-1932). Também neste período foram realizadas experiências com os helicópteros, com o primeiro voo bem-sucedido feito em 1907, por Paul Cornu (1881-1944), sendo que importantes aperfeiçoamentos foram propostos pelo argentino Raul Panteras Pescaras (1890-1966), ao longo da década de 1920. Nesta perspectiva, o projeto e desenvolvimento de um aparelho aéreo ortogonal por Nicolas, colocava-o em meio a um dos campos mais avançados da pesquisa tecnológica do período.

Depois de ser contratado pelo diretor técnico da empresa de aviação Rioble e Cia., da qual, por seu talento, acaba por

tornar-se sócio, entra em conflito com os interesses puramente econômicos e belicistas encarnados pelo proprietário da empresa. Rioble propõe que o invento de Nicolas permaneça engavetado, enquanto fosse do interesse das estratégias comerciais da empresa.

Os embates gerados em torno de seu invento aéreo revolucionário, com a recusa de aceitar a estratégia de Rioble, levam-no a ser internado em um hospício, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, por um conluio orquestrado por sua esposa e seu patrão. O internamento segue uma regra característica do papel do hospício nas primeiras décadas do século XX. O hospício era um espaço de normalização de condutas, estabelecendo, portanto, os padrões de comportamento aceitáveis na sociedade, procurando a preservação da ordem social. Ele também é marcado por uma relação hierárquica e de poder, onde se desenvolvem um conjunto de saberes sobre os sujeitos considerados como objetos de um discurso científico, produzindo e reafirmando conhecimento e verdades, fortalecendo o poder médico (FOUCAULT, 1978). Logo, ao situar o internamento de Nicolas em um hospício, Ryner, simultaneamente, realiza uma crítica contundente aos padrões de normalidade da sociedade burguesa, revela a sua original filiação literária simbolista na valorização da reflexão sobre o inconsciente e a loucura¹³, demonstra a “experiência

12 Sheila Jasanoff (2015, p. 4), pesquisadora do campo dos estudos CTS, propôs o conceito de imaginários sociotécnicos. Ela define os imaginários sociotécnicos “como compartilhados coletivamente, estabilizados institucionalmente, e visões de futuro desejados publicamente performados, animados pela compreensão compartilhada das formas da vida social e da ordem social, alcançável através, e apoiadora dos avanços da ciência e da tecnologia”.

13 No caso brasileiro, dentro da tradição simbolista de reflexão sobre o inconsciente e a loucura, Rocha Pombo (1857-1933) escreveu, em 1905, o instigante romance *No Hospício* (POMBO, 1996). Na tradição libertária brasileira, Lima Barreto (1881-1922) refletiu sobre a sua experiência de internações no hospício em seu *Diário do Hospício*, redigido entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920 e no seu romance inacabado *Cemitério dos Vivos*,

trágica da loucura sempre crítica e transgressora” (ARAÚJO, 2001, p. 32) e nos guia na viagem de autoconhecimento na qual o autodidatismo conduziu Nicolas.

A recusa de Nicolas em seguir os padrões sociais requeridos o constrange a ser internado. Neste ambiente, enunciou sua crença anarquista, seu desprezo pelas leis, pelo Estado. Por exemplo, ao dialogar com o psiquiatra afirmou, “temo, querido doutor, que todos estamos loucos por culpa das leis” (RYNER, 1926, p.130). Também reafirma a recusa em colocar a ciência e a tecnologia a serviço da morte, como na conversa com seu antigo patrão: “recorda de que este aparato me interessava, sobretudo, porque salvaria a vida de muitos aviadores. E, ousas me pedir hoje que o converta em um meio de matar a inumeráveis inocentes? Não sou um assassino, senhor Rioble” (RYNER, 1926, p. 139).

Paradoxalmente, em um momento em que se desenvolve a Primeira Guerra Mundial, o hospício se torna um local seguro para que Nicolas pudesse continuar a desenvolver, a partir de estratégias caracteristicamente marcadas pelo autodidatismo, seu conhecimento à margem. Desta maneira, desenvolveu teorias e protótipos acerca de sua aeronave cujos resultados demonstrariam que “poderia dar várias vezes a volta ao mundo. Se levassem provisões suficientes poderia funcionar por mais de um mês” (RYNER, 1926, p. 135), sem que ocorressem incidentes. Além disso, o piloto conseguiria dirigi-lo de forma solitária, sem sobressaltos, podendo, inclusive, “dormir sem perigo

algun em meio aos ares. Sem que ninguém se ocupasse” dele, pois, “um aparato engenhoso o manteria imóvel, não importando a altura, por um tempo determinado à vontade, dois dias ou até mais” (RYNER, 1926, p.135).

Após a sua liberação do hospício, com o encerramento da Guerra, ocorre o desenlace trágico. Nicolas consegue verba para o desenvolvimento pleno do projeto de seu aparelho aéreo¹⁴. Por um período de tempo, trabalha exaustivamente nesse artefato aéreo sofisticado e perfeito em uma ilha isolada no Mediterrâneo. Contudo, seu feliz isolamento é quebrado pela chegada de Victorine que, após a morte de seu amante Rioble, localiza Nicolas com o objetivo de ganhos pecuniários. Ela fica deslumbrada com o potencial financeiro das invenções de Nicolas, como o barco voador -que funcionava sem velas, sem remos e sem vapor-, mas, especialmente a já citada aeronave. Ao prever para o inventor a glória futura, obtém a seguinte resposta, característica de um anarquista individualista:

Minha glória é presente. Tenho a glória que quero e rechaço as vaidades as quais dá este nome magnífico(...) Tu imaginas que desejo ver meu nome repetido como o de um napoleão, de um Bismarck, um Foch?... A verdadeira glória se desenvolve em mim mesmo, como uma rara flor da serra (RYNER, 1926, p. 179).

Em seguida a esta declaração, queima o protótipo de sua aeronave, para desespero de sua esposa que pergunta sobre seus motivos. Chardonnet explica que irá construir outra para resolver o problema do preço, pois deseja que seu

redigido em 1921, que foram publicados postumamente (BARRETO, 2017).

¹⁴ O narrador faz uma insinuação irônica, que este dinheiro teria sido adquirido através de uma

ação de propaganda pelo fato, provavelmente um roubo a banco.

avião seja muito barato, seguro e dócil, de tal forma que, após uma pequena explicação sobre seu funcionamento, qualquer criança possa nele dar a volta ao mundo. Victorine, movida pela ambição, argumenta que pela importância do artefato nenhum preço pedido pela sua patente será considerado caro. A esta visão da tecnologia, direcionada aos interesses do capital, Nicolas contrapõe o potencial da tecnologia como instrumento emancipatório, “Eu queria dar a todos um meio de liberação. Me nego dar aos ricos e ao Estado um meio de tirania. Aumentar o poder dos homens, talvez o faria com gosto. Mas, aumentar o poder dos tiranos, nunca” (RYNER, 1926, p.182-183)

O final da novela entremeia-se com a dissolução de suas esperanças na vida amorosa com Victorine e na desilusão para com as estruturas sociais injustas. Ao final de uma viagem prolongada com a sua esposa em um novo modelo de sua aeronave, para, supostamente, demonstrar todo o seu potencial, Nicolas provoca um acidente fatal.

Conclusão

No romance *L'Autodidacte* (O Autodidata), Han Ryner empreende um questionamento das relações entre o poder e o conhecimento científico e tecnológico a partir da tematização do autodidatismo por um viés pacifista e anarquista, criticando, especialmente, as relações conformistas entre cientistas e os interesses belicistas e econômicos do Estado e dos capitalistas.

A trajetória de Nicolas Chardonnet, da infância à vida adulta, possibilita uma visualização do potencial emancipatório da humanidade através de formas alternativas de educação, de produção dos saberes pelo exercício da autarquia, da autonomia e da não violência. O

narrador demonstra como estas diversas formas de construção do conhecimento, regidas por valores éticos solidários, podem produzir uma ciência e uma tecnologia voltadas para a libertação.

Ryner, por um lado, na senda do anarquismo individualista francês do entreguerras, indica que o enfrentamento das limitações sociais pelo indivíduo pode proporcionar uma experiência subjetiva de autoconhecimento e criatividade individual, essenciais para o exercício da liberdade plena, para a construção de uma ética libertária, da qual o autodidatismo seria um signo e instrumento maior. Contudo, por outro lado, Ryner também expõe com contundência os tensionamentos trazidos pela realidade social adversa, expressos nos vários embates de Nicolas com as estruturas institucionais constituídas e opressoras, do Estado, da escola, da Igreja, da família, do capitalismo, do poder médico. São essas contradições que fazem a narrativa desembocar em uma tragédia e que demonstram as dificuldades de concretização dos ideais libertários no período.

Referências

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- ARMAND, Émile. O Individualismo Anarquista. **Verve**, n. 5, p. 208-218, 2004.
- BARRETO, Lima. **Diário do Hospício & O cemitério dos vivos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CORRÊA, Felipe. **Bandeira Negra: Rediscutindo o anarquismo**. Curitiba: Prismas, 2015.
- DIEZ, Xavier. **El Anarquismo Individualista em España** (1923-1938). Barcelona: Virus Editorial, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- JACOMY, Bruno. **A Era do Controle Remoto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

JASANOFF, Sheila. Future Imperfect: Science, Technology and the Imaginaries of Modernity. In: JASANOFF, Sheila; KIM, Sang-Hyun. **Dreamscapes of Modernity: Sociotechnical Imaginaries and the Fabrication of Power**. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

JOURDAIN, Édouard. **El anarquismo**. Buenos Aires: Paidós, 2014.

LENOIR, Hugues. Ana Mahé, Emilie Lamotte e os outros, “A Educação em L’Anarchie”. In: LENOIR, Hugues & GAMBART, Perrine. **Os Anarquistas Individualistas e a Educação (1900-1914)**. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2018.

LOSANO, Mário G. **Histórias de Autômatos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POMBO, José Francisco da Rocha. **No Hóspício**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

QUIROGA, Nicolás. Prácticas Políticas y Cambio Cultural: anarquistas autodidactas hacia mediados de 1940. **Estudios Iberoamericanos**. PUCRS, v. XXX, n. 1, p. 139-160, junho 2004.

RAGO, Margareth. Ética, anarquia e revolução em Maria Lacerda de Moura. In: FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (org.). **As esquerdas no Brasil, vol. 1. A formação das tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 273–293

RYNER, Han. **L’Autodidacte**. Paris: Le Monde Nouveau, 1926.

RYNER, Han. **La Sagesse qui rit**. Paris: Éd. du Monde Moderne, 1928.

RYNER, Han. **Pequeño Manual Individualista**. Barcelona: Ateneo Libertario del

Besós, 2006. In: <https://we.riseup.net/assets/162689/quarkryner1.qxd.pdf> Acesso em: 28/04/2019.

SCHWARCZ, Lilia & COSTA, Angela Marques da. **1890-1914: No tempo das Certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOON, Richard D. **Sex, violence, and the avant-garde: anarchism in interwar France**. University Park: The Pennsylvania State University, 2010.

SOUZA, Rosa Fátima, **Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1915)**. São Paulo: UNESP, 1998.

SPINELLI, Miguel. **Os Caminhos de Epicuro**. São Paulo: Loyola, 2009.

TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário: Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VALVERDE, Antonio José Ramera. **Pedagogia Libertária e Autodidatismo**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 1996.

VEYNE, Paul. **Seneca: The Life of a Stoic**. New York, NY; Routledge, 2003.

WOODCOCK, George. **Anarquismo: Uma história das ideias e movimentos libertários**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

Recebido em 2019-09-12

Publicado em 2020-06-07